

DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII

N.º 629

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO

ARCINHO

ESPERTEZA SALOIA

Por AGOSTINHO DOMINGUES



N

UMA escola de instrução primária de aldeia:

Professor — Que é um rio?

Aluno — Rio... rio é aquilo que eu faço, quando alguém diz uma graça ou me faz cócegas.

Professor — Não é nada disso. Rio é... é... é uma corrente...

Aluno — E' uma corrente de ouro. Está muito bem achado, sim, senhor; também faz rir aquele que a vem.

Professor — O' rapaz, tu és parvo? Rio é uma corrente de água doce...

Aluno — Não diga mais, sr. professor, que eu já sei. E' uma corrente de água doce, que faz andar um moinho.

Professor — Fode fazer andar um, muitos ou nenhum. Não é essa a definição que vem no teu livro. Lá diz que é uma corrente de água doce que se dirige para o mar, para um lago



ou para outro rio. Por exemplo; o Tejo.

Aluno — Mas, ó sr. professor, Tejo é um cão que eu tenho. Ele corre, isso



é verdade; mas doce, doce, é que ele não é, sobretudo para as pessoas estranhas...

Professor — Ora, que disparate, rapaz! Não das nada nisto!

«Vamos a um problema facilimo. Se te derem uma dúzia de laranjas para as distribuires por três rapazes, o que é que tu fazes?

Aluno — Como umas e levo as outras para casa.

Professor — Fazes mal. O que deves é fazer uma conta de dividir, em que o dividendo é doze e o divisor três. No còciente dá quatro. Quere dizer que tens de dar quatro laranjas a cada um.

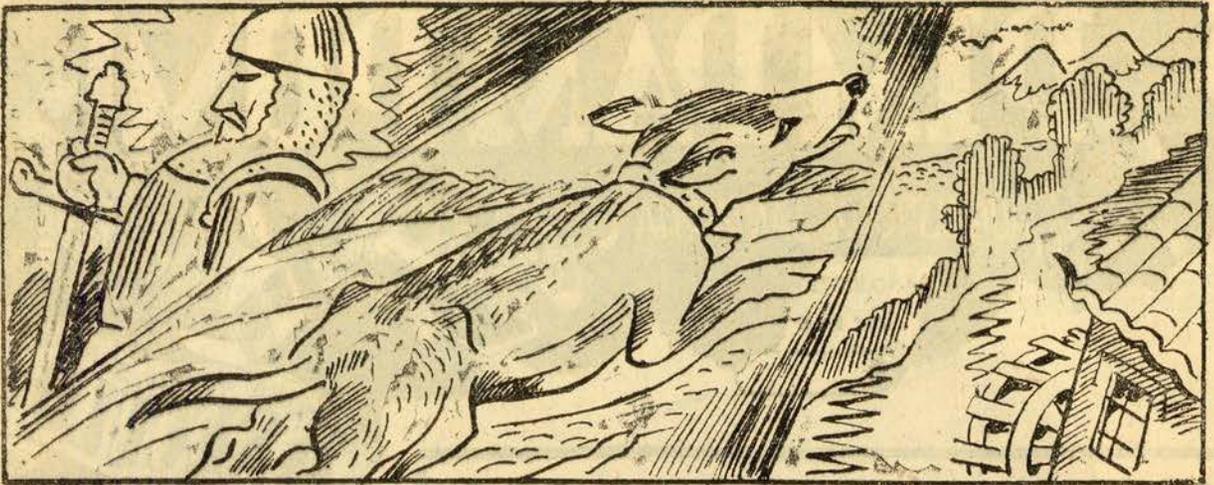
Aluno — E para mim? Então, eu fico sem nada?

Professor — Pois claro, porque a conta não dá resto.

Quantos são os reinos da Natureza?

Aluno — Não sei, mas ouvi dizer que já há poucos. E' quasi tudo republicas...

Professor — Isso é outra coisa: são Estados, nações. Os



reinos da Natureza são três: animal, vegetal e mineral. E como se dividem os animais?

Aluno — A minha mãe costuma dividi-los com uma faca e um garfo e, às vezes, até só com as mãos. Parece que vai mais depressa assim...

Professor — O homem, os animais dividem-se, em primeiro lugar, em dois grandes grupos: animais racionais e animais irracionais. Animais racionais são os homens.

Aluno — Então, eu não sou mais nem menos que o meu cão? Veja se o que diz é a sério ou a brincar, porque eu vou contar tudo ao meu pai!

Professor — O teu pai não se melindrará.

Aluno — Ah não! Fica que nem uma fera, quando lhe chamam animal.

Professor — Mas não tem razão. Eu e todos os homens e rapazes, como tu, somos animais, mas distinguimo-nos do teu cão e dos outros bichos, por termos razão. Formamos, por isso, um grupo à parte: o dos animais racionais, enquanto os cães e os outros bichos constituem o grupo dos animais irracionais. Nós pensamos, raciocinamos; eles não, mas comem e movem-se como nós.

Aluno — Eu sou, então, um animal racional, não é verdade?

Professor — Custa a acreditar — tão fraco raciocínio tens! — Mas és.

■ F I M ■

CONCURSO:—Grandes de Portugal

Os leitores que desejem possuir as cadernetas, deverão enviar à redacção do nosso suplemento, a necessária importância em selos.

Os concorrentes de Lisboa poderão requisitá-las, pessoalmente.

Oportunamente, será organizado o serviço de devolução das cadernetas.

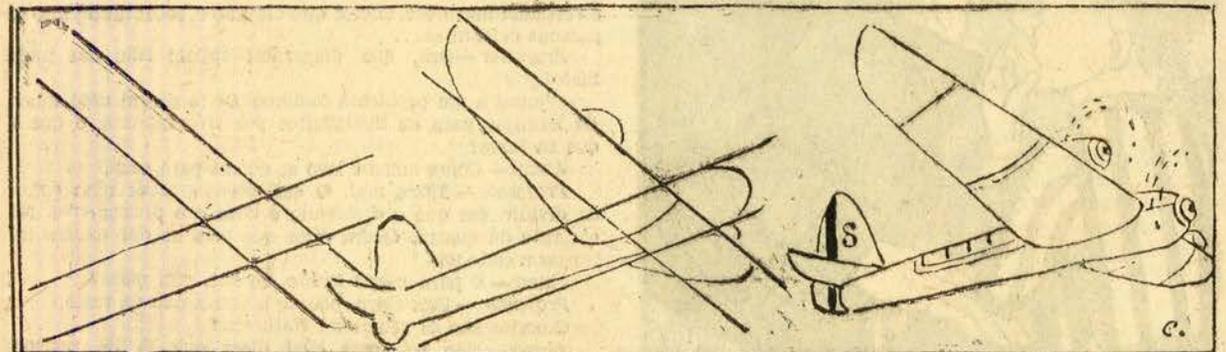
Os premiados e os que obtiveram menção honrosa, têm de entregar, quanto antes, os respectivos retratos, tendo no verso o nome dos seus possuidores.

Toda a correspondência deve ser enviada a:

Concurso Grandes de Portugal:

Pim-Pam-Pum — Rua do Século, 63 — Lisboa.

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um aeroplano em pleno vôo

A ROSEIRINHA e o MURO

por FELIZ VENTURA

COMO feliz vivia a roseirinha!
Desde pequerruchinha
que se encontrava, ali, ao pé do muro,
e para se abrigar
não podia encontrar
amigo mais seguro.

Quando o vento bramia,
rugia,
furioso,
tudo em volta ficava arruinado...
Mas sempre a roseirinha
fugia à morte milagrosamente,
e sorria
contente
quando o vento abalava enfurecido.

Dias, meses e anos
foram passando e o muro, de velhinho,

a pouco e pouco ia desmoronando.
Certo dia
a roseirinha, chorando,
diz-lhe:
— Muro, porque me deixas de abrigar?
Não vês que eu sou assim tão pequenina,
tão fraquinha,
que qualquer brisa pode-me quebrar-me?»

— «Dizes bem, roseirinha,
mas a culpa, acredita, não é minha.
Enquanto pude, eu fui o teu abrigo,
mas agora estou velho e o destino
parece que me tira, por castigo,
tôdas as fôrças, todo o meu vigor.
Por isso, roseirinha,
eu não te posso mais já abrigar
do vento quando é cheio de furor...

Soluça, então, a pobre roseirinha
numa voz tão fraquinha
que quási não se ouvia:
— «O que vai ser de mim
exposta ao vento, assim,
sem ninguém que me venha defender?!
O que vai ser de mim?!»

(Continua na página 7)



PREMIADOS NO CONCURSO: — Grandes de Portugal



João Gualdino Pereira



Joaquim Mocito



Luiza de Carvalho Pinto



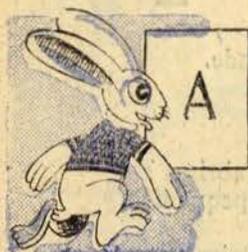
Daniel Roque Ribeiro



Manuel das Neves
Araújo

«ALVIRA» uma sua criada...

Por LEONOR de CAMPOS



fé que me hei-de dar como Deus com os anjos.»

— E porquê? — indagou a minha amiga, divertida com o falatório da moça.

— «Proquê? Ora essas!... Proque a senhora tem o mesmo nome da minha mãzinha, que era uma santa, não desfazendo... Também é Inocência...»

A minha amiga riu e comentou:

— «E' curiosa essa coincidência...»

— «E que és isso de coincidência?»

Escolhendo as palavras, apontando exemplos, Inocência lá conseguiu, ao fim de meia hora, que a Elvira compreendesse o que significava *coincidência*.

Tão feliz ficou a rapariga por, logo no primeiro dia, aprender uma palavra à moda da cidade, que não mais a esqueceu. E, daí em diante, a propósito de tudo, falava em *coincidências*...

Uma semana depois da entrada triunfal da Elvira, fazia anos a dona da casa.

Inocência convidou para jantar uma sua irmã. E preveniu a criada:

— «Logo que a senhora chegue, manda-a entrar para onde eu estiver. Como ela traz um cãozito, é preciso prender o nosso no quintal, não vá morder-lhe.»

— «Sim, senhora, minha senhora!»

E a Elvira, obedecendo, foi procurar o «Polo», um enorme cão da Serra da Estrela, e prendeu-o na sua casota.

... Terrim...

... Tocou a campainha.

Elvira correu a abrir a porta

Viu aparecer uma senhora, toda elegante. Atrás vinha a criada, que trazia

minha amiga Inocência mandou vir da terra uma criada.

Em certo dia de sol e mósas, surge-lhe em casa a *Alvira* — uma sua criada — fresca e gorducha como um repólho.

— «Ora muito bós tardes — principia por dizer a moçoila, toda espletada. — Julguei que nunca mais cá arribava. Quere não... E saberá a senhora que eu vinha contente que nem um grilo. Tenho cá uma

ao colo um cãozinho. Logo percebeu de quem se tratava.

Com o seu melhor sorriso, cumprimentou:

— «Ora muito bós tardes!... Vocemecê é que é a mana da minha senhora,



não é? Ora, então vá *precura*-la, que a há-de catar...»

E para a criada:

— «E *voncê* venha comigo para a cozinha, a mal-lo cãozinho, que não há-de haver *dúvedas*, proque eu já *esforro-lhei* o Polo.»

Morta de riso, a irmã de Inocência nem lhe respondeu. Foi ter com a dona da casa e ambas se divertiram a valer com os disparates da Elvira.

Esta seguiu para a cozinha com a outra criada que, ofendida com o tratamento dado pela Elvira à sua senhora, principiou logo a lição:

— «Ouça cá, menina. Não deve tratar a minha senhora por vocemecê. Olhe que ela é uma senhora às direitas...»

— «Está bem de vêr que sim. Basta mirá-la. Mas eu que le disse para a ofender?»

— «Não devia tratá-la por vocemecê. E' por vocência...»

— Ah!... Está bem. Lá por isso não seja a *dúveda*... E' *boscência*, prontos... E a menina, como é a sua graça?»

— «Eu chamo-me Alzira...»

— «Bonito nome, benza-a Deus...»

Pouco depois, já muito amigas, a Alzira conversava ani-



AREINHO

A OBEDIÊNCIA

Por JOSINO AMADO

A mísera mulher dum humilde geireiro
Dois filhos possuía.
O mais velho, o José, na escola era o primeiro,
E o outro, quando muito, uns dez meses teria.

Uma tarde de maio, ao sair para a horta,
Com roupa num cestinho,



Disse ao filho que andava a pular junto à porta:
— «Vigia o teu irmão que dorme no bercinho.»

Repara no que digo, e não te vás embora,
Podes aqui brincar.
E mal sentires, Zé, que o teu maninho chora,
Vai coleá-lo na sala, até eu regressar.

— «Pois sim, tudo farei, — (diz a criança simpática,
À carinhosa mãe.)

Emquanto vai e vem, vou estudar Gramática,
História e Geografia. Até me calha bem!»

Indo buscar a bolsa, o pequeno estudante
Pegou nos livros seus.

A mãe, ao vê-lo assim, partindo rua adiante,
Pensa: — «Que filho o meu!.. Louvado seja Deus!...»

O José abre o livro, e, atento e com vontade,
Sentou-se à porta a ler.

Nisto passa um rapaz, teria a sua idade,
Que lhe diz: — «Vem daí jogar, saltar, correr.»

O José respondeu: — «Não posso, estou guardando
O meu pequeno irmão.»

E volta o livro a olhar, estudando, estudando,
Concentrado, feliz, com fervor e atenção.

Dali por meia hora, atrás de nédia vaca,
Passou um petiz ledó:

(Continua na página 6)

madamente com a outra. O cãozito apanhou-as distraídas e ia a escapular-se para o quintal. Mas a Alzira deu conta e, receosa de que o «Polo» desse cabo do bichinho, desatou a chamá-lo, aflitivamente:

— «Nilo!» «Nilo!»...

Elvira ouviu e calou. Mas, de repente, dá uma grande gargalhada e corre ao encontro da sua senhora:

— «O' minha rica senhora: Ouça lá estas *concidências* tão engraçadas em que eu agora pensei:

— «As senhoras são manas. Os seus nomes são muito parecidos: uma é *Inocência* e a outra *Boscência*. As criadas, uma é Alzira e a outra, Elvira. E até os cães, com sua licença, um é «Polo», outro é «Pilo»... Mas que *concidências!*...»

Um dia, a Elvira foi à terra.

Não voltou. Mandou escrever uma carta à sua senhora, que *le* perdoasse, mas que encontrara a *fôrma do seu pé* e que resolvera casar.

E quando, alguns meses depois, a minha amiga Inocência foi veranear para aqueles sítios, uma das primeiras pessoas que lhe apareceram foi a sua antiga criada.

Já não era tão bochechuda, mas conservara a *inteligência*.

— «Então, és feliz?» — indagou Inocência.

— «Pois não *havera* de ser, minha senhora! O meu *home* é muito meu amigo. Trata-me muito bem. Só me bate aos domingos, *proque* vem para casa um pouco tocado da pinga.



E sabe a senhora *proque* é que eu sou feliz? *Proque* se dão muitas *concidências*. Nós *sêmos* da mesma terra. Ele chama-se Alviro e eu Elvira. Nascemos *ambos e dois* no mesmo dia. E *çãsemos* *ambos e dois* no mesmo dia...»



O CESTINHO DA COSTURA



Minhas queridas:

Com um tecido de bonecos ou outro qualquer que tenha um desenho engraçado, podem fazer, muito facilmente, este pijama que nada mais tem a enfeitá-lo do que a fantasia do próprio tecido.

Já por mais de uma vez, em publicações anteriores, dei os modelos que servem para talhá-lo.

Por isso, espero que não haja dificuldades.

Comecem, pois, e rapidamente hão de ver a vossa obra concluída.

O enxoval da boneca ficará muito mais valorizado e vocês terão o orgulho e a satisfação de ver a vossa bebé a dormir linda e quentinha



Abelha Mestre



— «Vem comigo ao choupal; o pião e a macaca Jogaremos os dois, debaixo do arvored.»

O José respondeu: — «Não posso, estou guardando O meu pequeno irmão.»

E volta o livro a olhar, estudando, estudando... Concentrando, feliz, com fervor e atenção.

Pouco tempo depois, passavam dois meninos,
Que lhe dizem, joviais:
— «Connosco à horta vem. Damos-te lá pepinos
E morangos e muita e muita coisa mais.»

O José respondeu: — «Não posso, estou guardando
O meu pequeno irmão.»
E volta o livro a olhar, estudando, estudando,
Concentrado, feliz, com fervor e atenção.

Num cavalinho branco, a prima à fonte passa,
Dizendo-lhe, ao olhá-lo,
Sorridente e gentil com indizível graça:
— «Anda comigo à fonte e levo-te a cavalo!»

O José respondeu: — «Não posso, estou guardando
O meu pequeno irmão.»
E volta o livro a olhar, estudando, estudando,
Concentrado, feliz, com fervor e atenção.

E assim passou a tarde, agarrado ao estudo,
O bondoso escolar.
E, quando já a sombra ia alagando tudo,
Voltou da horta a mãe, cheiinha de lidar.

Ao vê-lo no seu pôsto, a mãe pousa o cestinho
E, ao dar-lhe um longo beijo, em que palpita a essência
Do santo amor materno, abraça-o e diz baixinho:
— «Quanto vale, amor meu, a tua obediência!...»



OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS POR JOSINO AMADO



Se ocupo o amigo,
Seja em que fôr,
Primeiro d....:
«Faça f.....!»

Junventude portuguesa,
Da Pátria vivo clarão,
Sabei que a delic.....,
É varinha de c.....!



Dos deveres que a inocência
Deve praticar na escola,
É o chamado ob.....
Que mais o mestre con....

Esse dever peregrino,
Quando nasce da afeição,
E' chave de todo o en.....,
E' alma da ed.....!



Em vossas alminhas arda
Maior que todos os mais,
Sempre vivo, na vang.....,
O sagrado amor aos p...!

Tende-lhes respeito enorme;
«Filhos sois e pais sereis,»
Que a providência não d.....,
«Como façais, ach.....!»

A N E D O T A S

O Néné estreou há pouco um fati-
nho à maruja, que é todo o seu orgu-
lho.

Passeando uma tarde, com o avô,
pelo Aterro, encontra um marujo, um
marujo verdadeiro, e o Néné, muito
admirado, exclama:

— Avôzinho, olhe um homem grande
vestido de menino.

* * *

— Você tem filhos?
— Tenho um.
— E fuma?
— Nunca na sua vida tocou num ci-
garro.

— Perfeitamente. O tabaco é preju-
dicial para a saúde. Frequenta os ca-
fés?

— Nunca entrou em nenhum.
— Pois felicito-o. Mas recolhe tarde,
talvez?

— Tão pouco. Deita-se sempre ao
anoitecer.

— E que idade tem?
— Dois meses.

— «Depois de lavar a cara, olhe
sempre para o espelho a vê se está
limpa. Não fazes o mesmo?» — pre-

guntou a pequenita ao irmão, também
pequeno como ela.

— «Não preciso — respondeu este —
basta-me olhar para a toalha.»

* * *

Barnabé, por economia, viaja em ter-
ceira classe, com a sua numerosa fa-
mília.

Barnabé Júnior vai entretido a brin-
car com os bilhetes e o pai diz-lhe:

— «Guarda isso, rapaz. Não há ne-
cessidade de todos quantos vão na car-
ruagem ficarem sabendo que viajamos
em terceira classe.»

NO PROXIMO NUMERO: NOVOS CONCURSOS **NOVAS SECÇÕES**